



Capacitação de Professores do Atendimento Educativo Especializado sobre Seletividade Alimentar: Relato de Extensão Universitária na Pós-Graduação

*Training Teachers in Specialized Educational Service on Food
Selectivity: A Report on University Extension in Graduate Studies*

Lucélia Martins de Sousa Rodrigues¹; Marcos Rodrigo Guimarães Cruz²; Tania Regina Rodrigues
Jardim³; Alessandro Ferreira dos Santos⁴

RESUMO: A seletividade alimentar é uma característica comum e desafiadora em estudantes com deficiências, especialmente no Transtorno do Espectro Autista (TEA), demandando profissionais preparados no ambiente escolar. Este estudo objetivou discutir a capacitação de professores do Atendimento Educativo Especializado (AEE) para a implementação de estratégias pedagógicas que promovam a diversificação alimentar desses alunos. A metodologia consistiu em uma pesquisa mista, qualitativa e de intervenção, realizada em junho de 2025 no Centro de Atendimento Educativo Especializado de Vargem Grande. Participaram 21 professores da rede municipal, que integraram oficinas teórico-práticas baseadas em abordagens participativas, metodologias experimentais, jogos sensoriais e suporte contínuo via ferramentas digitais, como Google Classroom® e WhatsApp®. O conhecimento docente foi avaliado por questionários aplicados antes e após a intervenção. Inicialmente, os educadores demonstravam incertezas conceituais e saber limitado sobre o tema. Após as oficinas, observou-se uma evolução significativa: os participantes superaram os níveis insuficiente e regular, alcançando melhora expressiva nos índices de conhecimento classificados como "ótimo", reconhecendo a seletividade sob aspectos sensoriais e de desenvolvimento. A ação extensionista mostrou-se altamente efetiva, qualificando a prática pedagógica para a inclusão escolar e fortalecendo a articulação entre universidade e comunidade.

Palavras-chave: Nutrição; Deficiência; Educação Alimentar e Nutricional; Extensão Universitária.

ABSTRACT: Food selectivity is a common and challenging characteristic in students with disabilities, especially in Autism Spectrum Disorder (ASD), demanding prepared professionals within the school environment. This study aimed to discuss the training of Special Education Service (AEE) teachers to implement pedagogical strategies that promote dietary diversification among these students. The methodology consisted of a mixed, qualitative, and intervention research, conducted in June 2025 at the Special Education Service Center of Vargem Grande. Twenty-one municipal teachers participated, integrating theoretical-practical workshops based on participatory approaches, experimental methodologies, sensory games, and continuous support via digital tools such as Google Classroom® and WhatsApp®. Teacher knowledge was evaluated through questionnaires applied before and after the intervention. Initially, the educators demonstrated conceptual uncertainties and limited knowledge regarding the topic. Following the workshops, a significant evolution was observed: participants overcame insufficient and regular levels, achieving expressive improvement in knowledge rates classified as "excellent," recognizing selectivity under sensory and developmental aspects. This extension initiative proved highly effective, qualifying pedagogical practices for school inclusion and strengthening the connection between university and community.

Keywords: Nutrition; Disability; Food and Nutrition Education; University Extension.

¹Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão – ESPMA. E-mail: luhsousa@hotmail.com

²Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão – ESPMA. E-mail: marcosrodrigo95@gmail.com

³Escola de Saúde Pública do Estado do Maranhão – ESPMA. E-mail: tania-jardim@hotmail.com

⁴Curso de Nutrição, Universidade CEUMA. E-mail: fs_alexandro@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A seletividade alimentar é uma característica comum entre crianças com deficiência como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo frequentemente associada a preferências restritivas por texturas, sabores ou cores específicas. Estudos apontam que até 80% das crianças com TEA apresentam algum grau de seletividade alimentar, o que pode impactar significativamente sua nutrição e qualidade de vida (Bandini *et al.*, 2017).

Professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) desempenham um papel crucial na vida escolar desses estudantes. Capacitar esses profissionais com técnicas e estratégias específicas pode promover um ambiente inclusivo e favorável ao desenvolvimento de hábitos alimentares variados e saudáveis. A seletividade alimentar pode resultar em deficiências nutricionais que afetam o crescimento, a cognição e o comportamento das crianças. Pesquisas indicam que a formação docente voltada para intervenções alimentares pode aumentar a eficácia das práticas em sala de aula e melhorar a aceitação de novos alimentos por parte dos estudantes (Sharp *et al.*, 2019).

Educadores bem treinados podem adaptar práticas e intervenções para atender às necessidades específicas de seus alunos, promovendo a inclusão e a participação plena no ambiente escolar. A capacitação permite que os professores do AEE colaborem efetivamente com as famílias, garantindo a continuidade das estratégias de intervenção tanto na escola quanto em casa. Estudantes que enfrentam desafios com a alimentação podem experimentar níveis elevados de ansiedade e estresse. Professores capacitados podem mitigar esses efeitos e criar um ambiente de aprendizado mais confortável.

Segundo Hendy *et al.* (2016), capacitar educadores com técnicas de apoio ao comportamento alimentar pode ajudar a reduzir os níveis de ansiedade durante as refeições e a melhorar a aceitação de novos alimentos.

Como afirmam Johnson *et al.* (2014), programas de treinamento para professores voltados a intervenções alimentares, como estratégias de exposição gradual a novos alimentos e reforço positivo, são fundamentais para assegurar a consistência das abordagens tanto no ambiente escolar quanto em casa.

O ambiente escolar exerce influência na formação da personalidade e no perfil alimentar dos alunos, e representa o lugar ideal para o desenvolvimento de programas coletivos educativos, contribuindo para a formação e consolidação de hábitos saudáveis que serão refletidos no ambiente familiar, o que justifica a utilização do alimento como elemento pedagógico (Oliveira *et al.*, 2014; Ramos *et al.*, 2013).

A extensão universitária configura-se como um elo estratégico entre a academia e a sociedade, estabelecendo uma comunicação bidirecional. Por meio dessa "via de mão dupla", a universidade não apenas compartilha conhecimentos e assistência, mas também absorve as demandas e os saberes populares, promovendo uma retroalimentação que alinha a produção acadêmica às reais necessidades da comunidade (Morais, Palmeirão, 2025).

Portanto, a realização de oficinas de capacitação direcionadas aos professores do AEE não apenas aborda uma necessidade urgente, como também fomenta um ambiente educacional mais inclusivo e saudável, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes com deficiências. Tais iniciativas promovem a equidade educacional e o bem-estar dos alunos.

Este artigo tem como objetivo discutir a capacitação de professores do AEE para implementar estratégias que promovam a diversificação da alimentação entre os estudantes com deficiências.

METODOLOGIA

Esta foi uma pesquisa mista de caráter qualitativa e de intervenção. O projeto de extensão foi desenvolvido durante o mês de junho de 2025 em oficinas com os professores usando a metodologia participativa e experimental, no Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), pertencente ao município de Vargem Grande. Composto por 21 profissionais da rede municipal de ensino fundamental que atuam diretamente com estudantes com deficiências.

Os critérios de seleção para os participantes basearam-se no interesse e motivação para a capacitação, na disponibilidade integral para todas as etapas do projeto e na experiência prévia ou interesse manifesto em aprimorar competências em práticas pedagógicas inclusivas. Em contrapartida, foram estabelecidos como critérios de exclusão a carga horária incompatível com o cronograma das atividades, o desinteresse pelas propostas apresentadas e o desalinhamento ou discordância em relação aos métodos sugeridos. Adicionalmente, a não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) constituiu fator impeditivo para a participação na pesquisa.

Os participantes foram convidados a participar do estudo por meio da apresentação e anuência aos objetivos e métodos de pesquisa demonstrados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Uma vez consentida a participação do avaliado, foi aplicado um questionário sociodemográfico.

Por fim, foi verificado o nível de conhecimento em seletividade alimentar em estudantes com deficiências, por meio de um questionário pré-elaborado. O questionário era composto por questões fechadas e abertas, de nível fácil e médio, que foram pontuadas em porcentagens. Porcentagens de acertos inferiores a 70% foram categorizadas como insuficientes; de 70% a 80%, como regulares; e iguais ou superiores a 80%, como ótimas. Este último questionário foi aplicado no início da pesquisa e após 15 dias da intervenção, com o objetivo de comparar as respostas e verificar a incorporação de habilidades e competências.

A oficina teve como objetivo desenvolver estratégias para reduzir a seletividade alimentar em alunos com deficiências, adotando uma abordagem participativa e experiencial. As atividades foram adaptadas a partir da proposta de Carvalho e Santana (2022), foram apresentadas sugestões de atividades práticas que podem ser realizadas com os alunos no ambiente escolar, com foco na construção facilitada e utilização de materiais acessíveis e de baixo custo. As propostas incluíram jogos sensoriais, experimentação lúdica de alimentos, todas com embasamento na perspectiva inclusiva e no respeito ao tempo e às especificidades de cada estudante.

Além disso, a programação incluiu momentos teóricos que abordaram os aspectos nutricionais e psicológicos da alimentação. Para dar suporte contínuo aos participantes, foi criada uma sala virtual no *Google Classroom*®, onde foram disponibilizados materiais complementares, além de um grupo no *WhatsApp*®, utilizado para esclarecimento de dúvidas e acompanhamento direto dos professores ao longo da intervenção. Também foi realizada a entrega de certificados de participação, além de materiais de apoio como um folder explicativo e um e-book contendo orientações, atividades sugeridas e referências teóricas para consulta contínua dos participantes.

Foi realizada a observação prática das atividades desenvolvidas pelos professores com os estudantes, o que possibilitou avaliar a aplicabilidade das estratégias compartilhadas e fomentar uma troca enriquecedora de experiências entre os profissionais. Essa etapa foi fundamental para consolidar o compromisso docente com a intervenção pedagógica, promovendo reflexões acerca dos desafios e potencialidades no enfrentamento da seletividade alimentar no ambiente escolar.

A avaliação da oficina foi realizada por meio de questionários aplicados antes e depois da intervenção, permitindo a análise das mudanças nas percepções e práticas dos professores em relação à alimentação saudável e à promoção da diversidade alimentar. Para garantir o anonimato, os profissionais não foram identificados individualmente, sendo representados nos resultados como P1, P2, P3 e assim sucessivamente.

Os dados foram tabulados no *Microsoft Office Excel*® (2010), e a estatística descritiva procedida no *Stata* 18.0®. Variáveis categóricas foram apresentadas em frequências absoluta e relativa, sendo os dados apresentados em quadros, tabelas e gráficos.

A presente pesquisa foi submetida à avaliação da *Plataforma Brasil*® e aprovada conforme o parecer N° 7.617.246 (Comitê em Pesquisa do Hospital Carlos Macieira - HCM), de acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, presente na Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Onde todos os participantes receberam informações e esclarecimentos a respeito do protocolo de estudo e de sua participação, onde os mesmos atestaram sua concordância em participar do estudo através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

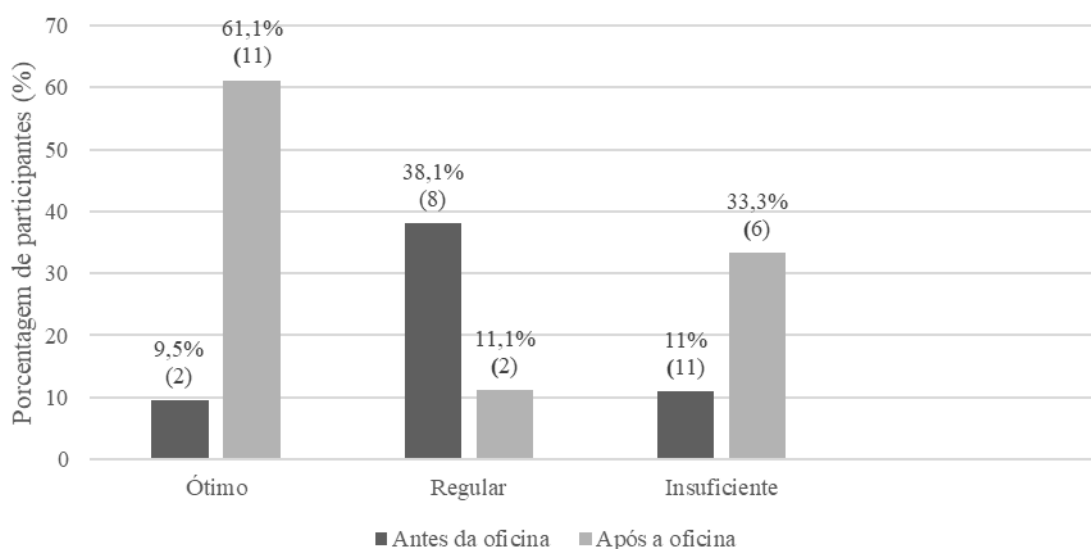
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil dos 21 professores participantes da oficina. A maioria era do sexo feminino (62,0%) e pertencente à faixa etária de 35 a 44 anos (43,0%). Quanto ao estado civil, 57% eram solteiros. Observou-se um elevado nível de escolaridade, com 81% dos docentes possuindo pós-graduação (81,0%), especialmente na área de Ciências Exatas (52,0%). Em relação à experiência profissional, 35% atuavam há mais de 15 anos na educação. Todos trabalhavam em escolas públicas, com distribuição equilibrada entre a educação infantil (52,0%) e o ensino fundamental (48,0%). A carga horária semanal predominante foi de 20 a 29 horas (43,0%) e a maioria relatou participação em formações continuadas (90,0%).

Antes da capacitação, os docentes apresentavam pouco ou nenhum conhecimento sobre o tema da seletividade alimentar, demonstrando incertezas conceituais e necessidade de mais informações. Após a oficina, todos demonstraram avanços na compreensão, reconhecendo a seletividade como recusa alimentar, preferência restrita ou dificuldade em aceitar certos alimentos. Algumas respostas também destacaram os impactos no desenvolvimento infantil e os fatores sensoriais envolvidos.

A Figura 1 apresenta a comparação do nível de conhecimento dos professores antes e após a oficina. Observa-se melhora significativa após a intervenção, com aumento expressivo do número de participantes classificados com conhecimento “ótimo” e redução nas categorias “insuficiente” e “regular”. Esses resultados indicam que a oficina foi efetiva em ampliar o conhecimento dos professores, contribuindo para uma prática pedagógica mais preparada para lidar com a seletividade alimentar no contexto da inclusão escolar.

Figura 1: Comparação do nível de conhecimento de professores capacitados antes e após implantação da Oficina sobre Seletividade Alimentar em Estudantes com Deficiências. São Luís, Maranhão, Brasil, 2025.



Fonte: Autores (2025).

A elevada qualificação, 80% com pós-graduação é um fator positivo, pois educadores com formação robusta apresentam maior segurança na implementação de estratégias pedagógicas (Oliveira *et al.*, 2020). Contudo, a prevalência de docentes da rede pública e a distribuição entre educação infantil e fundamental reforçam a necessidade de estratégias diversificadas que promovam a educação alimentar desde a base.

Previamente à oficina, observou-se um conhecimento limitado e incertezas conceituais sobre seletividade alimentar, possivelmente devido à escassez de temas sobre nutrição e desenvolvimento infantil nas licenciaturas (Albuquerque *et al.*, 2013; Piccoli, 2010). Esse despreparo é comum em contextos de inclusão escolar (Lima *et al.*, 2024). Após a intervenção, houve evolução significativa: 100% dos participantes passaram a reconhecer a seletividade sob prismas sensoriais e de desenvolvimento, elevando os índices de

conhecimento para o nível "ótimo". Diferente de Silva *et al.* (2020), este estudo focou não apenas na acurácia das informações, mas na mudança de atitude prática frente à dieta diversificada.

A carga horária predominante (20-29h) e a alta experiência profissional (35% com >15 anos de magistério) apresentam desafios à incorporação de novas práticas, exigindo formações periódicas e adaptáveis (Freitas *et al.*, 2020). A oficina funcionou como um espaço essencial de troca e reflexão, fomentando um ambiente colaborativo (Costa *et al.*, 2019).

Apesar de limitações como o tempo reduzido e a inclusão de professores com deficiência auditiva, o uso de tecnologias (*WhatsApp*® e *Google Classroom*®) e a presença de intérpretes de Libras garantiram a acessibilidade. A escassez de literatura específica sobre seletividade em crianças com deficiência dificultou comparações teóricas mais amplas, mas abriu novos cenários de discussão na área.

Os resultados reafirmam que investir na capacitação de professores do AEE é fundamental para garantir uma educação inclusiva e nutritiva. Esta análise serve de subsídio para que gestores e diretores priorizem formações especializadas, impactando diretamente o bem-estar e o desenvolvimento pleno de estudantes com deficiências.

CONCLUSÃO

A oficina foi avaliada de forma positiva pelos participantes, que demonstraram interesse, engajamento e disposição para incorporar as novas estratégias em sua prática cotidiana. A participação da equipe multidisciplinar do centro contribuiu para o embasamento técnico das discussões, reforçando a importância do trabalho interdisciplinar no atendimento aos estudantes com deficiências. A iniciativa evidencia a necessidade de continuidade nas formações sobre temáticas específicas, garantindo suporte teórico e prático aos profissionais da educação inclusiva.

Em síntese, a realização da oficina constituiu uma relevante ação extensionista, promovendo o desenvolvimento profissional dos docentes do AEE e fortalecendo a articulação entre universidade, serviços públicos e comunidade. Os resultados evidenciam benefícios tanto para os professores capacitados quanto para a formação dos extensionistas envolvidos, reforçando a importância da curricularização da extensão e da integração entre ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, H.; WALKER, P. Educação alimentar e nutricional como prática social. *Demetra*, v. 8, n. 3, p. 499-508, 2013.
- ALMEIDA, P. H. P. S. de; MAZONI, A. R. G.; CONCEIÇÃO, V. M. da. Aprimorando a participação: estratégias para apoiar alunos com autismo na Educação Física escolar. *SciELO Preprints*, [S. l.], 29 maio 2024.
- ALBUQUERQUE, A. G.; PONTES, C. M.; OSÓRIO, M. M. Conhecimento de educador e nutricionistas sobre a educação alimentar e nutricional no ambiente escolar. *Revista de Nutrição*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 291-300, 2013.
- BANDINI, L. G.; ANDERSON, S. E.; KUZIOKAS, K.; KATAREK, P.; MUST, A. Seletividade alimentar em crianças com transtornos do espectro autista e crianças em desenvolvimento típico. *Journal of Pediatrics*, v. 161, n. 2, p. 259-264, 2017.
- BENIER, R. A.; DAWSON, G.; NIGG, J. T. O que a ciência nos diz sobre o transtorno do espectro autista: fazendo as escolhas certas para o seu filho. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- BRAGA, J. A. P.; AMANCIO, Olga M. S. Deficiências nutricionais: manual para diagnóstico e condutas. 1ª edição. São Paulo: Manole, 2022.
- BOMFIM, J. D.; RIBEIRO, G. S.; PIRES, B. L. C.; MARTINS, B. L. N.; GONÇALVES, M. E. L.; BARROS, E. da S.. Desafios da nutrição inclusiva para crianças com Transtorno do Espectro Autista. 2025. Artigo científico (Revisão narrativa) – Centro Universitário Una, Rede Ânima Educação, 2025.

- CAMOZZI, A. B. Q. et al.. Promoção da Alimentação Saudável na Escola: realidade ou utopia?. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 23, n. 1, p. 32–37, jan. 2015.
- CARVALHO, M. F. SANTANA, M. Z. de (orgs.). Educação alimentar e nutricional para crianças com transtorno do espectro autista [recurso eletrônico]: propostas de atividades práticas na escola, na clínica e em casa. Recife: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE, 2022.
- CARVALHO, M. A. A.; MOURA, D. L.. A entrada na carreira docente: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Educação*, v. 28, p. e280022, 2023.
- CAETANO, M. V.; GURGEL, D. C. Perfil nutricional de crianças portadoras do transtorno do espectro autista. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 31, n. 1, p. 1–11, 2018.
- CATANIA, C., & GRIZZARD, T. (2023). Understanding Selective Eating in Children with Disabilities. *Journal of Pediatric Nutrition*, v. 45, n.2, p. 120–132.
- CAPELLINI, V. L. M. F. Ensino Colaborativo: uma proposta para a escolarização do estudante com Transtorno Global do Desenvolvimento. São Paulo: Unesp/NEaD/Redefor, 1 jun. 2015. Texto 1 – Disciplina 14 do Programa Redefor Educação Especial e Inclusiva.
- CHAVES, M. S.. Estratégias de intervenção na seletividade alimentar em crianças autistas: uma revisão bibliográfica. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2025.
- DAVIS, M., & THOMPSON, R. (2023). Creating Positive Food Experiences in Schools. *Nutritional Education Journal*, v. 18, n. 1, p. 34–40.
- FARIA, L.C. M.; SANTOS, A. C. F.; VIEIRA, K. H. Avaliação dos hábitos alimentares de crianças como Transtorno do Espectro Autista (TEA): um estudo de caso. *Bionorte, Montes Claros*, v. 10, n. 2, p. 149–154, jul.– dez. 2021.
- FRANCO, A., SILVA, R., & LIMA, T. (2021). Teacher Training for Nutritional Interventions in Special Education. *Educational Review*, v. 30, n. 3, p. 50–60.
- GONÇALVES, A. G. F.; ARAÚJO, I. T.; PEREIRA, L. A.; SÉRIO, C. F. L.; MOURA, L. H. N.; SILVA, P. R. V.; OLIVEIRA, T. M. R.; PONTES, L. B.; RAMOS, A. C. N.; FIGUEIREDO, S. M. S. Perfil nutricional e prevalência de disbiose intestinal em crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Neurociências*, v. 30, p. 1–26, 2022.
- FONSECA, T. DA S.; FREITAS, C. S. C.; NEGREIROS, F.. Psicologia Escolar e Educação Inclusiva: A Atuação Junto aos Professores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n. 3, p. 427–440, jul. 2018.
- GOULARTE, L. M.; MORAES, L. S.; SILVA, E. S.; MAIEVES, H. A.; BORGES, L. R.; MARQUES, A. C.; BERTACCO, R. T. A. Transtorno do Espectro Autista (TEA) e hipersensibilidade alimentar: perfil nutricional e prevalência de sintomas gastrointestinais. *Revista da Associação Brasileira de Nutrição – RASBRAN*, v. 11, n. 1, p. 48–58, 2020.
- HENDY, H. M.; WILLIAMS, K. E.; FISKE, S. E. O papel dos pais no manejo da seletividade alimentar em crianças com transtornos do espectro autista. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 46, n. 9, p. 3274–3285, 2016.
- JOHNSON, C. R.; BODFISCH, E. M.; JOHNSON, K. L.; KAPLAN, L. M.; SAUNDERS, S. E.; POLLARD, H. R.; SHAPIRO, D. E. Intervenções comportamentais para seletividade alimentar em crianças com transtorno do espectro autista. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 44, n. 4, p. 808–815, 2014.
- LIMA, K. P. O.; BAGNI, U. V.; SOUZA, B. G.; RODRIGUES, C. J. B.; FERREIRA, D. M.. Alimentação saudável e inclusiva na escola: Um olhar sobre a alimentação escolar para crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Contexto & Saúde*, [S. l.], v. 24, n. 48, p. e14009, 2024.
- LÁZARO, C. P.; SIQUARA, G. M.; PONDÉ, M. P.. Escala de Avaliação do Comportamento Alimentar no Transtorno do Espectro Autista: estudo de validação. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 4, p. 191–199. 2019.

- LEAL, M., NAGATA, M., CUNHA, N. M., PAVANELLO, U., & FERREIRA, N. V. R. Terapia nutricional em crianças com transtorno do espectro autista. *Cadernos da Escola de Saúde*, v. 1, n. 13, mar. 2017.
- LÓPEZ, J., PÉREZ, M., & SOTO, L. (2024). Using Games to Promote Food Exploration. *International Journal of Food Studies*, v. 12, n. 2, p. 75-85.
- MACKEY, J., TORRES, L., & ADAMS, K. (2022). The Link Between Food Selectivity and Nutritional Deficiencies. *Health and Nutrition Insights*, v. 10, n. 4, p. 215-230.
- MARTINELLI, S. S.; CAVALLI, S. B.. Alimentação Saudável e Sustentável: Uma Revisão Narrativa Sobre Desafios e Perspectivas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 24, n. 11, p. 4251-4262, nov. 2019.
- Morais, T. F. E., & PALMEIRÃO, C. (2025). Práticas e Contextos de Extensão universitária: Uma Scoping Review. *Revista Contemporânea*, 5(4), e7957. <https://doi.org/10.56083/RCV5N4-072>
- ONZI, F.; GOMES, R. Transtorno do Espectro Autista: A Importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno pedagógico, Lajeado*. v. 12, n. 3, p. 188-199. 2015.
- OLIVEIRA, A. R. de; XAVIER, G. do C.; SILVA, J. F. da; OLIVEIRA, S. B. de (org.). Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: da história à teoria, da teoria à práxis. Curitiba: CRV, 2020. 276 p. (Coleção Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, v. 1).
- OLIVEIRA, M. N.; SAMPAIO, T. M. T.; COSTA, E. C. Educação nutricional de pré-escolares –um estudo de caso. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa*, v. 25, n.1, p. 093-113, 2014.
- PEREIRA, F., COSTA, A., & MARTINS, J. (2024). Classroom Environment Influence on Food Choices. *Journal of Educational Development*, v. 15, n. 1, p. 100-110.
- PICCOLI, L.; JOHANN, R.; CORREA, E. N. A educação nutricional nas séries iniciais de escolas públicas estaduais de dois municípios do oeste de Santa Catarina. *Nutrire*, 2010.
- RAMOS, F. P.; SANTOS, L. A. S.; REIS, A. B. C. Educação alimentar e nutricional em escolares: uma revisão de literatura. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 11, p. 2147-2161, nov. 2013.
- RODRIGUES, L., & LIMA, H. (2021). Positive Reinforcement in Dietary Interventions. *Behavioral Sciences Journal*, v. 9, n. 4, p. 201-210.
- SANTANA, A. C. C.; FOLTRAN, E. P. A formação continuada e o ensino colaborativo entre professores do AEE e o ensino regular. *Anais do V CINTEDI (Congresso Internacional de Educação e Inclusão)*, Campina Grande: Realize Editora, jul. 2024. ISSN 2359-2915.
- SANTOS, M. H.; MARQUES, A. M.; DELGADO, C.. GÊNERO E ENSINO SECUNDÁRIO: EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DOS PROFESSORES. *Cadernos de Pesquisa*, v. 53, p. e10118, 2023.
- SANTOS, C. E. M. DOS.; COSTA, L. K. DA .. O Que É Ensino Colaborativo?, *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 4, p. 779-780, out. 2020.
- SMITH, J., & BROWN, K. (2023). Sensory Approaches to Food Acceptance. *Food and Behavior Journal*, v. 7, n. 3, p. 150-161.
- SHARP, W. G.; BAKER, L.; CORDOVA, D.; COHEN, H.; AMORIM, M.; WILLIAMS, K.; ROSE, D. A.; GADDIS, M. Intervenções para seletividade alimentar em crianças com transtorno do espectro autista. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, v. 40, n. 3, p. 191-201, 2019.
- SILVA, F. M. et al. Impacto de oficinas de alimentação saudável sobre o conhecimento e a mudança de comportamento alimentar de indivíduos em uma unidade de saúde. *Nutrire*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 1-12, 2020.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- .